



Lab

more

LABORATÓRIO DE EXPERIMENTAÇÃO E INOVAÇÃO EM PRÁTICAS COMUNITÁRIAS

PROJETOS

AFROFAVELA × ATLETAS DO FUTURO × BALLROOM NA MARÉ × BARBEIROS: CORTES DE VIDA
CONECTA JOVEM × ECO GERAÇÕES × ENCONTRO DAS ARTES × HORTA COMUNITÁRIA
JOVEM CIDADÃO × LEITURAS NA FAVELA × RECRIANDO MARÉ × SE LIGA NO CICLO

redes
da
maré

S' / °
SILLO
PARTE E
LATITUDE
RURAL

Lab maré

LABORATÓRIO DE
EXPERIMENTAÇÃO E
INOVAÇÃO EM PRÁTICAS
COMUNITÁRIAS

AFROFAVELA × ATLETAS DO FUTURO × BALLROOM NA MARÉ × BARBEIROS: CORTES DE VIDA
CONNECTA JOVEM × ECO GERAÇÕES × ENCONTRO DAS ARTES × HORTA COMUNITÁRIA
JOVEM CIDADÃO × LEITURAS NA FAVELA × RECRIANDO MARÉ × SE LIGA NO CICLO

rede^{da}smaré ∫' / ° SÍLO
ARTE E
LATITUDE
RURAL



Apresentação Redes da Maré	06
Laboratórios Colaborativos e o Comum – Uma parceria entre Redes da Maré e Silo – Arte e Latitude Rural Cinthia Mendonça	08
O que é um Laboratório de Experimentação e Inovação?	14
E por que fazer um Laboratório de Experimentação e Inovação na Maré?	15
Começo, meio, começo – sobre mobilização no Complexo de Favelas da Maré Henrique Silva	140
Sobre a Redes da Maré	148
Sobre a Silo – Arte e Latitude Rural	149
Créditos	151

16

AFROFAVELA

22

ATLETAS DO FUTURO

34

BALLROOM NA MARÉ

48

BARBEIROS: CORTES DE VIDA

60

CONECTA JOVEM

72

ECO GERAÇÕES

80

ENCONTRO DAS ARTES

88

HORTA COMUNITÁRIA

98

JOVEM CIDADÃO

112

LEITURAS NA FAVELA

122

RECRIANDO MARÉ

128

SE LIGA NO CICLO

APRESENTAÇÃO

Esta publicação é parte do trabalho desenvolvido durante a primeira edição do Laboratório de Experimentação e Inovação em Práticas Comunitárias da Maré – LabMaré, uma iniciativa da Redes da Maré em parceria com a Silo – Arte e Latitude Rural. As atividades aconteceram entre julho e dezembro de 2024, nas instalações do Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, na favela da Nova Holanda. Esta publicação tem a intenção de produzir e compartilhar uma documentação sobre as ações elaboradas pelos participantes dos projetos, além de reunir reflexões sobre o trabalho e um ensaio do pesquisador Henrique Gomes que busca dar relevo às histórias de práticas comunitárias que formaram e seguem formando o Conjunto de Favelas da Maré. Esta publicação será compartilhada em um seminário, com realização em abril de 2025, na Areninha Cultural Herbert Vianna.

Para esta primeira edição do LabMaré, selecionamos os projetos por meio de uma chamada pública ampla, alinhada com os cinco eixos e equipamentos da Redes da Maré. Desse modo, iniciativas relacionadas à gestão de resíduos sólidos, hortas comunitárias e comunicação da ciência conviveram lado a lado com ações como clubes de leitura, *ballrooms*, aulas de esporte, oficinas de educação menstrual, documentários e intervenções urbanas. Apresentamos nesta publicação doze projetos – são eles: Afrofavela, Atletas do Futuro, Ballroom na Maré, Barbeiros: cortes de vida, Conecta Jovem, Eco Gerações, Encontro

das Artes, Horta Comunitária, Jovem Cidadão, Leituras na Favela, Recriando Maré, Se Liga no Ciclo. O intuito do Laboratório foi construir uma comunidade de prática e de aprendizagem na qual os participantes pudessem aprender entre si e, com isso, potencializar suas ações e saberes por meio dessas trocas. Nesse contexto de colaboração, foi proposto também um percurso formativo composto de mentores e pessoas convidadas para tratar de temas relacionados às demandas dos projetos.

A criação de comunidades criativas e a dinâmica de colaboração marcam, inclusive, a própria concepção do projeto. A experiência da Silo com a metodologia dos Laboratórios e a atuação histórica da Redes da Maré no Conjunto de Favelas da Maré foram responsáveis pela criação de um ambiente com características muito singulares. Foi o primeiro laboratório que aconteceu dentro de uma favela, além de ter sido o mais longo, com uma duração total de seis meses. Esses aspectos serão tratados com mais profundidade no texto da Cinthia Mendonça, diretora e fundadora da Silo – Arte e Latitude Rural.

Esta publicação é uma maneira de reunir e compartilhar o que foi feito, a fim de gerar memória, afirmar o presente e desenhar possibilidades para o futuro.

LABORATÓRIOS COLABORATIVOS E O COMUM

Uma parceria entre
Redes da Maré e Silo –
Arte e Latitude Rural

CINTHIA MENDONÇA

Desde os laboratórios de alquimia de Alexandria, no Egito Antigo, até os científicos de hoje, muita coisa foi descoberta, mistérios foram revelados e equívocos nos surpreenderam apontando novidades. Ainda assim, quase nada está resolvido e a vida parece ficar ainda mais complexa. Os desafios atuais nos lançam perguntas difíceis, e penso que se faz necessária uma imensa força tarefa, não apenas na busca pelas melhores soluções, mas também na busca pelas melhores perguntas.

Onde há curiosidade, há espaços de experimentação. Se repararmos bem, veremos que cozinhas, quintais, garagens e salas de aula são potenciais laboratórios domésticos onde se buscam soluções para o cotidiano. Quem melhor do que os moradores de um bairro para dizer o que é bom para eles? E é justamente desta certeza – que cada um de nós pode colaborar na construção de conhecimento sobre o nosso lugar – que nascem os Laboratórios de Experimentação e Inovação Cidadã. Eles são espaços de escuta e de participação social, podendo influenciar na construção de políticas, no desenvolvimento cultural e contribuir para a produção de conhecimento popular e científico.

Nos últimos quinze anos, venho contribuindo com a adaptação e implementação desse modelo¹ de laboratório em contexto ibero-americano. A Silo – Arte e Latitude Rural trabalha com essa metodologia desde a sua fundação em 2017, e, atualmente, o formato que aplicamos propõe um ambiente imersivo de aprendizagem que supera a típica dinâmica de transferência de conhecimento. A proposta é criar possibilidades para uma prática de criação coletiva e horizontal em um espaço aberto a diferentes epistemologias em que as/os/es participantes podem tanto aprender como ensinar de maneira autônoma e autogerida.

O LabMaré – Laboratório de Experimentação e Inovação em Práticas Comunitárias da Maré – é destinado à formação, estímulo e apoio de lideranças comunitárias orientadas pela criação e manutenção do bem comum. Foi criado a partir do encontro entre duas organizações da sociedade civil: Silo – Arte e Latitude Rural e Redes da Maré. Embora essas organizações tenham atuações distintas em diferentes territórios, elas possuem em comum a necessidade de promover mudanças profundas que incluam o ganho de autonomia e de cooperação entre as pessoas e entre elas e os seus lugares.

Quando, em uma conversa com Eliana Sousa, falamos sobre a possibilidade de experimentar o Laboratório como uma maneira de dar acesso aos moradores ao futuro Fundo Comunitário que será instituído pela organização, duas coisas me chamaram a atenção. A primeira foi a escala. Acostumada a trabalhar com no máximo dez projetos e até dez colaboradores, o que soma cerca de cem participantes, a ideia do LabMaré era trabalhar com trinta projetos. Um Laboratório exige um trabalho ativo e constante de escuta, de muita proximidade com as equipes. Então chegamos ao consenso de selecionar quinze projetos com

1. Os Laboratórios de Inovação e Experimentação se inspiram nos Interactivos, que têm origem em 2005, dentro do programa educacional do antigo MediaLab de Madri, Espanha.

cinco colaboradores cada, somando cerca de 75 participantes. Para um primeiro experimento e atendendo à necessidade de trabalhar com uma escala maior, me pareceu um bom número. Alegro-me termos chegado ao final com doze projetos concluídos. A segunda coisa foi o tempo. O desejo era realizar um Laboratório expandido. Um Lab pode se dar em diferentes intervalos – por exemplo, imersão de uma a duas semanas, encontros semanais em um mês. No entanto, considerando o contexto territorial do Conjunto de Favelas da Maré, esse formato imersivo talvez não fizesse muito sentido. Decidimos realizar o Lab em seis meses, composto de encontros presenciais quinzenais, três imersões de dois dias (início, meio e fim) e, além das demandas de trabalho do cotidiano de desenvolvimento de cada projeto, uma viagem coletiva para conhecer uma iniciativa inspiradora e um seminário final. Foi animador ver a assiduidade dos participantes que acompanharam a programação dos seis meses sem perder o entusiasmo. Já a organização e a execução do LabMaré, entre pré-produção, realização e pós-produção, foi realizada em cerca de quinze meses e envolveu uma equipe de cinco mentores, três coordenadores, uma assessora de metodologia e uma produtora. Além disso, tivemos várias lideranças da Maré, de diferentes gerações, que foram convidadas a dar depoimentos sobre sua trajetória para os participantes.

O LabMaré reuniu pessoas, coletivos, redes e projetos da Maré para experimentar e criar modos coletivos de atuar no local. A partir da observação das adversidades e das potências do território, o objetivo do Laboratório foi instaurar um processo formativo, por meio do trabalho colaborativo e transdisciplinar, em busca de inovação e possíveis soluções para diversos problemas comunitários. Com isso, colaboramos para o reconhecimento e a autopercepção de novas lideranças comunitárias, e para o

fortalecimento da sua atuação no território. Posso afirmar que o processo formativo fez da rua um espaço de escuta e convívio.

A diversidade é um dos princípios fundamentais para que tenhamos um Laboratório como o LabMaré, em que pessoas de diferentes idade, raça, gênero, crença religiosa, orientação política, com diferentes saberes e práticas, atuam juntas buscando influenciar e impactar positivamente seus territórios, trazendo ações que colaboram para a melhoria da vida de seus habitantes. Longe de ser solucionista, o Lab privilegia a aprendizagem pela prática, demandando uma postura autocrítica e pensante, disposta a aprender uns com os outros, inclusive com os equívocos. O Lab oferece condições para que a constelação de projetos e pessoas possa criar uma rede sólida de apoio e confiança, e efetivamente usar seus conhecimentos de maneira propositiva.

Um Laboratório de Experimentação e Inovação é um ambiente de prototipagem colaborativa, isto é, um lugar onde as pessoas podem criar um mínimo produto viável que represente ou simule o funcionamento de algo que ainda está em processo de criação. Por exemplo: a versão de teste (ou a primeira versão) de uma metodologia ou de um mecanismo que poderá ser testado e melhorado.

O Lab possui critérios de flexibilidade metodológica, e não há uma sucessão de etapas a serem cumpridas. Os grupos de trabalho se autogestionam e a condução de cada grupo autogerido é feita por entregas determinadas a partir do diálogo com mentores. No lugar de mediadores, usamos os mentores como pontos de atenção. Eles ficam disponíveis para orientar e problematizar a condução do trabalho de pesquisa, do

desenvolvimento e da sistematização do processo, indicando pontuações críticas, oferecendo repertórios, criando pontes e diálogos com outros profissionais e organizações e até mesmo mediando pequenos conflitos que eventualmente possam surgir.

Os grupos de trabalho de um laboratório não se baseiam em conhecimento especializado. Todos os participantes são conhecedores de algo que podem partilhar, e o seu saber é valorizado igualmente. A identificação dos problemas a serem solucionados ou pesquisados é feita por meio de diagnósticos (convocatórias, mapeamentos etc.). As equipes de trabalho unem diversidade de perspectivas e epistemologias (modos de viver e pensar) em torno do mesmo problema. A prototipagem colaborativa é feita a partir de uma proposta concreta para um público definido (embora tudo possa mudar no decorrer do processo).

A experiência com o LabMaré reforça a ideia de que Laboratórios Cidadãos ou Laboratórios de Experimentação e Inovação têm sido uma ferramenta importante tanto para o desenvolvimento institucional de organizações quanto na produção de impactos positivos para as populações com as quais trabalhamos. A metodologia tem se mostrado potente, capaz de unir diferentes disciplinas e proporcionar a colaboração no desenvolvimento de projetos prototipados coletivamente, permitindo que diversos grupos de pessoas possam aprender, criar redes e compartilhar saberes enquanto buscam desenvolver uma ideia conjuntamente na defesa ou na manutenção do comum. Os Laboratórios criam ambientes onde se pode atuar entre o rigor e a flexibilidade, fixando e desprendendo pensamentos e práticas de acordo com a dinâmica do território, com o contexto

político (que sempre afeta as nossas vidas), e diante dos desafios que nos são lançados.

Os Laboratórios têm me mostrado processos importantes no desenvolvimento da autonomia, seja em um nível de consciência individual, seja na prática de trabalho colaborativo dos grupos. O incentivo à tomada de decisões próprias torna as pessoas mais engajadas em seus projetos ao mesmo tempo que gera equilíbrio entre liberdade e responsabilidade. Além disso, é importante que a cultura da autonomia seja acompanhada por uma comunicação clara e aberta, para que as pessoas possam se sentir acolhidas e, então, com condições suficientes para se desenvolverem.

Minha experiência com os Laboratórios já me fez percorrer diferentes países da América Latina e encontrar diversos contextos, pessoas, questões e propostas. Sabemos das dificuldades que enfrentam os povos latino-americanos, as violências, as injustiças, a dificuldade de estabelecer uma democracia plena e conhecemos também a capacidade desses mesmos povos de resistir e recriar a vida.

O LabMaré foi realizado em uma escola pública dentro de uma das quinze favelas que compõem o Complexo da Maré, em meio às adversidades que cada favela enfrenta em seu cotidiano. As operações policiais truculentas são, sem dúvida, das mais difíceis violências institucionais. Como seguir quando há vidas em risco? Apesar de tudo, as pessoas se esforçaram para se fazerem presentes. Com isso, a riqueza de saberes, a qualidade das pesquisas e resultados do Laboratório impressionam. O LabMaré encerra a sua primeira edição com a certeza de ter contribuído para que trabalhos importantes possam perseverar no território e colaborar na manutenção e na criação do bem comum.

O QUE É UM LABORATÓRIO DE EXPERIMENTAÇÃO E INOVAÇÃO?

O Laboratório de Experimentação e Inovação parte de um processo colaborativo de quase duas décadas, tendo como referência a convergência de diferentes pessoas e instituições localizadas, sobretudo, no contexto ibero-americano. A Silo – Arte e Latitude Rural, organização com a qual é firmada a parceria na realização do LabMaré, tem um papel importante na adaptação da metodologia em contexto latino-americano, inclusive com enfoque em periferias rurais e urbanas.

A metodologia pensada nos Laboratórios tem como traço fundamental a criação de um contexto diverso onde indivíduos, grupos e coletivos, que muitas vezes não se conhecem e que muito provavelmente nunca chegariam a traçar possíveis conexões, possam partilhar um ambiente e criar possibilidades de ações conjuntas. A centralidade da colaboração, mesmo entre iniciativas que aparentemente não possuem nada para trocar, e a criação de habilidades que fomentam a autonomia dos projetos nos chamam muito a atenção e podem fortalecer dinâmicas e contextos que reconhecemos no nosso território, desenvolvidos a partir do trabalho comunitário que vem sendo feito há décadas nas favelas da Maré.

E POR QUE FAZER UM LABORATÓRIO DE EXPERIMENTAÇÃO E INOVAÇÃO NA MARÉ?

O LabMaré acontece de forma experimental como parte do processo embrionário de construção do Fundo Comunitário da Maré. Um sonho nutrido pela Redes da Maré é deixar um legado relacionado à construção histórica das lutas comunitárias, a partir das distintas formas de organização dos moradores do Complexo da Maré. Trata-se, também, de responder a uma demanda concreta de investimento na ideação de metodologias e caminhos formativos com indivíduos, coletivos e instituições que possam, de maneira inventiva, contribuir para a efetivação dos direitos da população nas quinze favelas da Maré.

Nessa perspectiva, o Fundo Comunitário pretende ser um espaço para preservar um patrimônio construído ao longo da trajetória de muitas pessoas e instituições de base comunitária no Complexo da Maré, garantindo que os recursos doados, sempre, gerem possibilidades concretas de mudanças a partir do interesse público.

O Fundo é, então, esse lugar de experimentar maneiras de aliar um processo formativo que resulte na aquisição e desenvolvimento de habilidades e técnicas para lidar com a formulação, a execução, o registro, a mensuração, o impacto, a prestação de contas dos recursos obtidos para viabilização de projetos em diferentes áreas. Combinar processos formativos com repasse de recursos nos parece ser uma maneira de viabilizar a ação de pessoas que muitas vezes não têm acesso a financiamentos dessa natureza. O intuito do Fundo, portanto, é multiplicar práticas e ações engajadas com o fortalecimento dos direitos dos moradores do Conjunto de Favelas da Maré em toda sua diversidade.

↳ ATIVIDADES

As aulas práticas de dança foram mediadas por três artistas-educadores e os participantes tiveram três meses de aulas práticas, com oito encontros mensais, focados em diferentes estilos de dança afro, como: Dança Afro-brasileira, Danças dos Blocos Afro, e Afro Fusion. A proposta buscava ampliar o engajamento e a participação na construção do bem-viver nos territórios, orientado pela formação artística em aulas práticas e atividades educativas, promovendo técnicas e expressões artísticas relacionadas às danças negras.

A metodologia foi pensada para desenvolver as técnicas de cada linguagem de dança apresentando a sua história, os princípios e a nomenclatura dos movimentos, seus conceitos, a percepção de como cada linguagem reverbera de diversas maneiras em diferentes corpos, e a reflexão de como as técnicas trabalhadas em aulas têm uma inter-relação.

↳ REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

Durante os três meses do projeto, um dos desafios foi a mobilização de público para os encontros, que aconteceram segundas e quintas pela manhã. Percebemos que a segunda-feira foi um dia bem difícil por ser início da semana, e há a correria da vida das pessoas. Assim, foi possível perceber que a mobilização precisa ser mais forte para que mais moradores do Conjunto de Favelas da Maré possam acessar o projeto e participar de forma contínua.

Os desafios enfrentados nesta edição oferecem uma base sólida para planejar as próximas com maior impacto e alcance. Com ajustes estratégicos, como horários mais acessíveis e uma comunicação mais estruturada, o projeto tem grande potencial de ampliar sua conexão com a comunidade da Maré, trazendo ainda mais participantes e gerando um impacto transformador.







ATIVIDADES

Os treinos de vôlei, futsal e basquete aconteceram às sextas-feiras, na quadra do César Pernetta [Parque União], entre 17h e 21h30, sendo uma hora de treino por modalidade, e um intervalo para alimentação dos alunos. A divisão dos participantes foi feita por faixa etária e nível de habilidade, garantindo que todos tivessem um aprendizado equilibrado e adequado. Os treinos foram conduzidos por professores de diversas áreas de formação, com experiência na modalidade que lecionam, com o objetivo de trabalhar tanto as técnicas esportivas quanto valores como disciplina, trabalho em equipe e respeito. Cada encontro incluiu alongamento, aquecimento, atividades técnicas e táticas específicas de cada esporte, finalizando com jogos e dinâmicas em grupo. Para reforçar o senso de comunidade e cuidado com o espaço público, os próprios alunos foram incentivados a participar de pequenos cuidados com o local, promovendo pertencimento.

Os passeios foram realizados de acordo com os ingressos para jogos de futebol e de basquete disponibilizados pelo Clube de Regatas do Flamengo. A logística para realização dos passeios incluiu a contratação de transporte, autorização dos responsáveis e a presença de monitores para garantir a segurança e o acompanhamento dos participantes. Esses passeios proporcionaram aos alunos oportunidades de acessar novas perspectivas, ampliar seu repertório cultural e vivenciar novas experiências, de modo a fortalecer sua autoestima e incentivar o interesse pelo aprendizado e pela convivência em diferentes contextos sociais.

As atividades propostas pelo projeto desenvolvem habilidades esportivas e trabalham valores como respeito, cooperação, empatia e disciplina. A metodologia adotada favoreceu a construção de um ambiente acolhedor e estimulante, no qual os participantes se sentiam motivados a aprender e participar ativamente. As práticas esportivas na quadra e as experiências externas nos passeios contribuíram

para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, promovendo crescimento físico, emocional e social.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

O desenvolvimento do projeto trouxe aprendizados significativos, tanto para a equipe quanto para os participantes, e revelou desafios e conquistas que ajudaram a consolidar a relevância da iniciativa.

Desafios enfrentados pela equipe

- ▶ **Estrutura e logística:** a utilização de uma quadra pública apresentou desafios como a necessidade de manutenção do espaço e limpeza e a convivência com outros usos pela comunidade.
- ▶ **Recursos financeiros e materiais:** a equipe precisou lidar com limitações financeiras, o que demandou criatividade para buscar doações e parcerias para a realização dos passeios.

Conquistas

- ▶ **Adesão e desenvolvimento dos participantes:** a presença constante das crianças e adolescentes e o progresso observado em suas habilidades esportivas e comportamentais foram grandes conquistas. Eles demonstraram disciplina, cooperação e interesse pelas atividades.
- ▶ **Promoção da saúde mental:** as rodas de conversas sobre saúde mental promoveram um ambiente coletivo e aberto para expor as emoções, além de promover valores como respeito, trabalho em equipe e resiliência, que transcendem o ambiente esportivo.

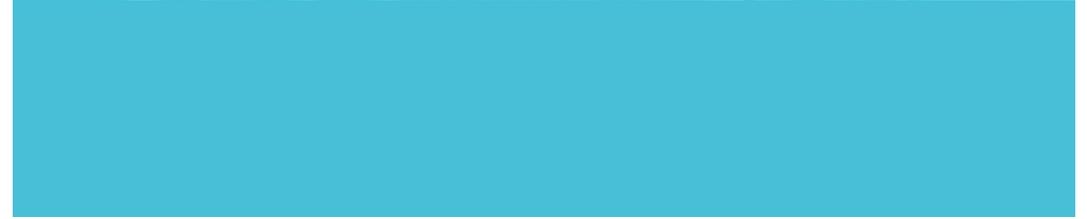
Desdobramentos das ações e do projeto

- ▶ **Ampliação das perspectivas:** muitos alunos relataram que as experiências proporcionadas pelos passeios ampliaram seus horizontes e

despertaram o interesse por novas áreas, como cultura e esportes profissionais.

- ▶ **Fortalecimento da equipe:** os desafios enfrentados fortaleceram a coesão da equipe, que desenvolveu uma maior capacidade de planejamento, comunicação e resolução de problemas.
- ▶ **Continuidade e expansão:** o impacto positivo observado gerou interesse em outros grupos da comunidade, criando oportunidades para expandir o projeto para outras localidades e incluir novas modalidades esportivas.
- ▶ **Novas parcerias:** o reconhecimento do projeto abriu portas para parcerias, como com a Associação de Moradores Casa Recomeçar e com o Clube de Regatas do Flamengo, no intuito de melhorar a infraestrutura e garantir maior promoção de esporte, saúde e lazer.









ATIVIDADES

Roda de Conversa sobre Negritude

Nestas rodas, discutimos sobre negritude na atualidade e o seu resgate cultural.

Aula de Vogue Femme

São aulas de expressão artística e corporal por meio da dança, com práticas de auto-olhar, favorecendo uma maneira de se ver de forma elegante, com atitude, como protagonistas da própria história.

Evento Ballroom e Performances

Um desfile da Pina – loja que pensa a moda e o fashion pelo olhar da favela e periferias – iniciou o evento de forma voraz. Aconteceram performances e competições que buscavam desafiar o olhar e a potência dos corpos pretos, LGBTQIAPN+ e favelados, e que homenagearam também pessoas que significaram muito para a história do Complexo da Maré. Cerca de 500 pessoas circularam pelo evento.

O intuito dos eventos é conversar sobre possibilidades, para além daquelas impostas socialmente, para pessoas negras, periféricas e LGBTQIAPN+, e também conscientizar sobre saúde sexual e mental. Para a realização das atividades, foram traçadas parcerias com artistas locais, favorecendo a identificação da comunidade com o projeto, e foram realizadas oficinas criativas e palestras lideradas por representantes da cultura ballroom no território. Foram feitas Rodas de Conversa sobre a comunidade ballroom e a sua história, contando a sua origem em Nova York nos anos 1980 e a necessidade da criação de novas possibilidades para nossos corpos, bem como partilhando testemunhos de como isso muda diretamente a vida. Foram realizados balls (bailes performáticos), que simbolizam resistência, celebração e arte, colocando em foco as pessoas da cultura ballroom. Foram exibidos curtas de diretores, atores, atrizes LGBTQIAPN+ e negros para

BALLROOM NA MARÉ

a disseminação da arte audiovisual que provoque a reflexão e a discussão sobre a temática do projeto. Os eventos foram realizados no Centro de Artes da Maré, local acessível para moradores do Complexo da Maré, que frequentam o espaço a fim de ter acesso a lazer, educação artística, reflexão e inovação.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA**Desafios!**

O desafio começa pela decisão de atuar, no âmbito de um projeto sobre visibilidade de corpos LGBTQIAPN+, dentro de um espaço social no qual também circula e se propaga muito preconceito em relação a esses corpos, incluindo ao modo como se identificam. Soma-se a isso que se trata de um projeto com apresentação de danças, desfiles, vídeos etc., e o número aumentado de operações policiais dificultou que essas apresentações acontecessem dentro da Maré – para esse desafio, a solução foi apresentar noutras escolas, fora do Complexo. Além disso, acrescentam-se outros desafios, inclusive o da vulnerabilidade local, onde muitas vezes falta o básico, como água e energia elétrica.

Conquistas!

Entre as conquistas do projeto, estão a ocupação de um espaço referência para o Complexo da Maré, o Centro de Artes da Maré, a parceria com artistas locais e famosos para colaborarem e participarem no projeto, o impacto e reverberação de um evento para mais de 600 pessoas, que incluía a replicação de um baile funk no evento por meio da decoração.



OUTROS MATERIAIS



Vídeo do Ballroom na Maré

30/11/2025

YOUTUBE



Reportagem no Bom dia Favela

Publicada em 10/12/2025

YOUTUBE







BALLROOM NAS ESCOLAS



↳

ATIVIDADES

Após a formação da equipe, montada pela coordenação, começamos a nos reunir todas as quintas-feiras, on-line, para alinhar as demandas do projeto. O primeiro passo foi revisar o orçamento e o cronograma, e assim planejar todas as execuções até o fim do LabMaré. Em seguida, iniciamos o trabalho de campo, e selecionamos os barbeiros que seriam os personagens do documentário. As pré-entrevistas foram realizadas nos próprios espaços de trabalho dos barbeiros, com perguntas elaboradas pela equipe e baseadas em pesquisas sobre o universo das barbearias.

Essas pré-entrevistas, gravadas em áudio, foram essenciais para a construção do roteiro, pois permitiram que pensássemos em caminhos narrativos autênticos, baseados nas histórias reais dos personagens. Quando recebemos a primeira parcela do valor, adquirimos alguns equipamentos para a produção do documentário – câmera, microfone e cartão de memória. A gravação foi realizada em dois momentos distintos, com o objetivo de registrar os barbeiros no cotidiano das barbearias e suas relações com os clientes. Esses espaços se mostraram como locais de troca de experiências, diálogos e apoio mútuo entre os moradores.

Nos depoimentos, os barbeiros falaram sobre suas profissões e suas vidas pessoais, permitindo que entendêssemos o caminho que os levou até ali. A divulgação do projeto nas redes sociais do coletivo começou com posts sobre os barbeiros e suas barbearias. As reuniões semanais continuaram, e assistimos a todo o material gravado, identificando os trechos que melhor retratavam as histórias a serem contadas no documentário.

↳

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

Como proponente, entendo que o processo de desenvolvimento do projeto foi cheio de altos e baixos, e proporcionou muitas reflexões, tanto sobre mim quanto sobre a equipe. No começo, realmente acreditei que o trabalho seria mais colaborativo e que

todo mundo estava empolgado como eu estava. Mas percebi que não foi bem assim, e isso me frustrou. Não consegui criar o engajamento necessário na equipe e, em vários momentos, senti que falhei como proponente. Errei em vários momentos. Errei quando insisti em seguir com a ideia original do projeto, errei em assumir como proponente. As pessoas pareciam esperar uma liderança mais direta, uma relação mais de “patrão e empregado”, e isso me pegou de surpresa, porque sempre acreditei que o ambiente deveria ser mais horizontal, com a participação ativa de todos.

Além disso, não me senti como um “líder” durante o processo. Isso me fez questionar o papel do proponente do projeto, que nem sempre foi claro para todos. Eu não sabia exatamente o que as pessoas esperavam de mim, e isso gerou um pouco de confusão. Eu achava que a energia seria mais coletiva, mas vi que nem todos estavam tão envolvidos ou entendiam o Lab da mesma forma. Consegui me conectar melhor com outros grupos do que com o meu próprio, e isso me fez perceber que talvez a comunicação e o relacionamento dentro do meu grupo precisassem ser mais fortes, mais claros.

Mesmo com todos esses desafios, conseguimos entregar o resultado. Não foi exatamente o que foi idealizado, mas conseguimos chegar lá, conseguimos fazer algo significativo. Para mim, esse processo mexeu muito com minha saúde mental e me fez repensar meu lugar na instituição e o que eu realmente sei fazer. Mas, no fim, está findo.

Agora, como moradores da Maré, estamos pensando em como mostrar esse trabalho para o mundo.

OUTROS MATERIAIS



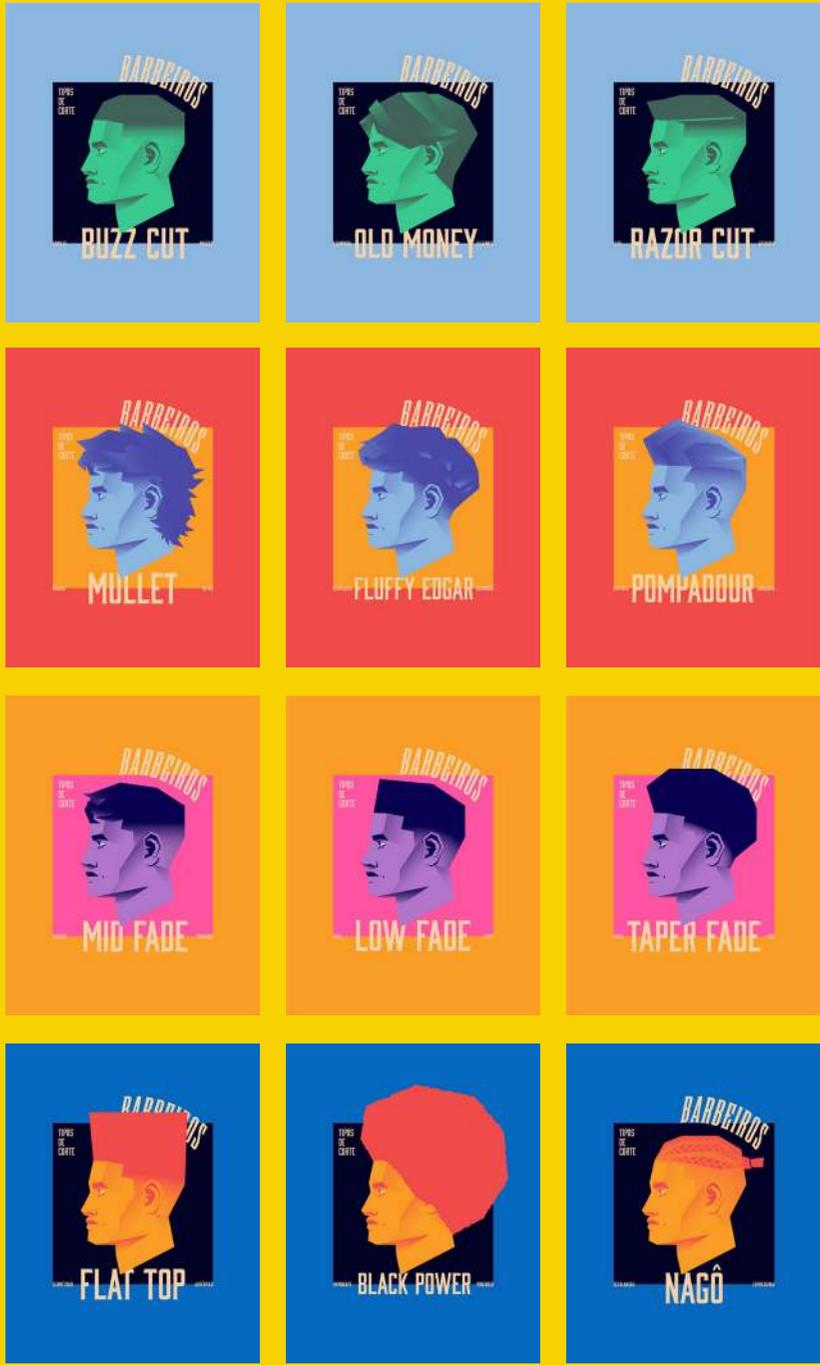
Documentário “Barbeiros: cortes de vida”

ARQUIVO DE VÍDEO



IDENTIDADE VISUAL







autonomia e inclusão social por meio de formações práticas e direcionadas.

O projeto Conecta Jovem é composto de ciclos formativos mensais, realizados com encontros semanais, que abordam temas essenciais para o desenvolvimento profissional dos jovens, proporcionando conhecimentos práticos e orientações para que possam ingressar no mercado de trabalho. As formações incluem atividades práticas, dinâmicas, elaboração de currículos, simulações de entrevistas e reflexões sobre o potencial de seus próprios territórios e sobre o mercado de trabalho.

Ao final da formação, os participantes têm a oportunidade de participar de uma Feira de Empregabilidade, organizada em parceria com instituições e empresas colaboradoras, onde podem explorar vagas, conhecer oportunidades e conectar-se diretamente ao mundo profissional. Essa abordagem promove uma transição mais acessível e eficaz dos jovens para o mercado de trabalho.

O Conecta Jovem foi desenvolvido com base em princípios de aprendizado prático, interatividade e impacto comunitário, organizando as ações de forma estruturada e participativa, da seguinte maneira:

Planejamento e Diagnóstico

- ▶ Identificação das demandas e características dos jovens participantes por meio de um formulário de pesquisa inicial, aplicado nas escolas.
- ▶ Definição dos temas prioritários para os ciclos formativos, com foco em empreendedorismo territorial e empregabilidade, considerando o contexto socioeconômico dos beneficiários.

Execução dos Ciclos Formativos

- ▶ Estruturação dos encontros semanais com duração de duas horas cada, divididos entre teoria e prática, utilizando metodologias como oficinas, dinâmicas de grupo, estudo de casos reais e simulações de entrevistas.
- ▶ Atividades focadas no desenvolvimento de competências como elaboração de currículos, postura profissional e identificação de oportunidades no mercado de trabalho.

Acompanhamento e Avaliação

- ▶ Aplicação de avaliações ao final de cada encontro para medir o progresso dos participantes.
- ▶ Feedback contínuo aos jovens para ajustar as atividades de acordo com suas necessidades e expectativas.

Feira de Empregabilidade

- ▶ Organização de um evento final, com a participação de empresas parceiras e instituições locais, conectando os jovens diretamente a vagas, programas de estágio e aprendiz, além de proporcionar networking com profissionais de diferentes áreas.

Lançamento da Cartilha

- ▶ Desenvolvimento de uma cartilha informativa, reunindo as principais metodologias, resultados alcançados e depoimentos dos participantes e parceiros.
- ▶ Distribuição da cartilha para os parceiros locais e instituições do programa Jovem Aprendiz, promovendo o impacto do projeto e incentivando sua replicação.

Essa abordagem garantiu que as entregas fossem realizadas de forma eficiente, com impacto direto na formação e inserção dos jovens no mercado de trabalho.

ATIVIDADES

- ▶ Realização de ciclos formativos com duração de um mês, com quatro encontros semanais de duas horas cada.
- ▶ Fornecimento de materiais didáticos e certificados de conclusão para os participantes.
- ▶ Organização de uma Feira de Empregabilidade ao final do ciclo, com a presença de empresas e instituições parceiras, oferecendo vagas, networking e orientação profissional.
- ▶ Lançamento de uma cartilha informativa ao final do programa, detalhando o impacto do projeto, as metodologias utilizadas e os resultados alcançados. A cartilha será distribuída para os parceiros locais e instituições do programa Jovem Aprendiz, promovendo visibilidade e possibilitando novas colaborações.

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Desafios

- ▶ **Engajamento inicial:** conquistar a adesão dos jovens e garantir sua participação ativa foi um dos primeiros desafios enfrentados, que demandou estratégias de comunicação que fossem atrativas e acessíveis.
- ▶ **Logística e recursos:** a organização dos encontros, especialmente em horários que não conflitassem com as atividades escolares, exigiu planejamento detalhado. Além disso, a limitação de recursos financeiros e materiais demandou criatividade para garantir a qualidade das formações.

- ▶ **Alinhamento com parceiros:** mobilizar empresas e instituições para a Feira de Empregabilidade foi desafiador, pois era necessário transmitir a relevância do projeto e assegurar seu compromisso com os jovens.

Conquistas

- ▶ **Impacto direto nos jovens:** a evolução dos participantes ao longo dos ciclos formativos foi evidente. Eles demonstraram maior confiança, habilidades aprimoradas e um entendimento mais claro sobre suas possibilidades no mercado de trabalho.
- ▶ **Feira de Empregabilidade bem-sucedida:** o evento final foi uma vitória, com a presença de parceiros engajados e oportunidades reais oferecidas aos jovens.
- ▶ **Produção da cartilha:** a elaboração da cartilha no final representou um marco, consolidando o projeto como referência para outros agentes locais e instituições.

Desdobramentos das ações e do projeto

- ▶ **Fortalecimento de redes locais:** a interação entre jovens, escolas e parceiros criou uma rede de apoio que pode sustentar outras iniciativas semelhantes no futuro.
- ▶ **Modelo replicável:** a estrutura do projeto, documentada na cartilha, possibilita sua replicação em outras escolas e territórios.
- ▶ **Visibilidade comunitária:** o sucesso do projeto despertou o interesse de mais instituições locais, que manifestaram o desejo de colaborar em futuras edições.

Lições aprendidas

- ▶ O envolvimento direto dos jovens na construção das atividades enriquece o processo e aumenta o engajamento.
- ▶ O trabalho em rede, unindo parceiros de diversos setores, é essencial para ampliar o impacto e as oportunidades.
- ▶ Desafios financeiros e logísticos podem ser superados com criatividade, planejamento colaborativo e persistência.
- ▶ O projeto Conecta Jovem demonstrou que, mesmo em contextos adversos, é possível transformar realidades, promovendo inclusão e capacitação. Ele deixa um legado de impacto e inspira novas ações voltadas para o fortalecimento da juventude.



OUTROS MATERIAIS



**Guia para o Primeiro Emprego:
Conectando Jovens ao Mercado
de Trabalho**

CARTILHA EM PDF



**Vídeo informativo sobre
o Conecta Jovem**

ARQUIVO EM VÍDEO



agentes de mudanças na comunidade, pois são elas as mais impactadas com o desgaste e a aceleração das Mudanças Climáticas.



REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

O desafio mais importante foi adaptar os temas referentes às Mudanças Climáticas para uma linguagem acessível e envolver ativamente os alunos. Além disso, também foi desafiadora a dinâmica da equipe ao longo do tempo de trabalho: o ciclo formativo foi extenso e os colaboradores, talvez por falta de incentivo, priorizaram outros trabalhos, sobrecarregando o proponente.

É importante dizer ainda que o projeto alcançou importantes conquistas e desdobramentos, entre os quais o reconhecimento público em um artigo publicado no site do Governo Federal.



ATIVIDADES

Realizamos cinco oficinas abordando diversos temas ligados às mudanças climáticas, ampliando o entendimento e fortalecendo o protagonismo dos estudantes.

Racismo Ambiental:

reflexão sobre desigualdades socioambientais.

Preservação e Cuidado com a Produção do Lixo:

práticas de gestão de resíduos e consumo consciente.

G20 – O Debate Global:

contextualização das decisões e impactos internacionais.

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:

compreensão dos dezessete objetivos e sua relevância.

F20 – A Favela no Debate Global:

inserção das favelas nos cenários de negociação e soluções climáticas.

A metodologia do projeto teve início com a aplicação de um diagnóstico inicial à turma, a fim de avaliar o nível de conhecimento prévio dos participantes sobre o tema das mudanças climáticas. Em seguida, após um período de atividades educacionais, palestras e discussões, passamos a registrar sistematicamente as oficinas, documentando cada etapa da abordagem metodológica. Esse acompanhamento contínuo permitiu observar o desenvolvimento e o progresso dos alunos ao longo do ciclo formativo de três meses.



OUTROS MATERIAIS



Documentário sobre o projeto
Eco Gerações

YOUTUBE





ATIVIDADES

O projeto Encontro das Artes foi estruturado em três etapas principais. Na fase de Pesquisa e Mobilização, foram identificadas personalidades locais e realizadas entrevistas focadas nos temas de memória, identidade e território, fortalecendo a conexão com a história da Maré. Em seguida, na fase de Operacionalização, os colaboradores executaram intervenções artísticas, transformando essas histórias em obras visuais e interativas para a comunidade. Por fim, na etapa de Produção de Acervo e Integração Tecnológica, o conteúdo foi reunido em um acervo digital, democratizando o acesso à cultura e permitindo que os moradores da Maré explorem e preservem seu legado cultural.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

O primeiro mapa digital que criamos para o projeto não deu certo. Diante desse desafio, buscamos repensar a nossa estratégia e, escutando outras vozes e instituições que trabalhavam na região antes de nós, elegemos um lugar específico para a atuação, reconhecido como um ponto de memória da região. Portanto, inventamos uma solução que, no final das contas, conflui para a continuidade de uma construção coletiva.

Foi desafiador também a falta de tempo dos colaboradores do projeto para se dedicarem integralmente às ações desejadas para a realização plena dos processos de nossa intervenção. Apesar disso, tudo fluiu com excelência.



OUTROS MATERIAIS



Cartilha com a proposta do projeto

CARTILHA EM PDF



Documentário sobre o projeto Encontro das Artes

ARQUIVO EM VÍDEO





ATIVIDADES

O desenvolvimento do projeto Horta Comunitária trouxe uma série de desafios, conquistas e desdobramentos que reforçaram a importância do protagonismo comunitário, da sustentabilidade e da educação ambiental como ferramentas de transformação social. A trajetória até aqui foi marcada por aprendizados constantes, que impactaram tanto a equipe envolvida quanto os beneficiários diretos e indiretos do projeto.

Um dos desafios mais delicados enfrentados pela equipe foi lidar com as operações policiais frequentes na comunidade, que muitas vezes inviabilizaram as atividades da horta e colocaram em risco a segurança dos participantes. Essas interrupções geraram incertezas e medo, exigindo da equipe a adaptação constante do cronograma e o reforço de medidas de segurança. As chuvas intensas e constantes também representaram outro grande desafio para o manejo da horta, causando alagamentos, erosão do solo e perda de parte da produção. A equipe precisou investir em técnicas de drenagem e proteção do solo, além de adaptar o cultivo a condições climáticas adversas.

Apesar dessas adversidades, a equipe se manteve comprometida em garantir a continuidade das atividades, utilizando metodologias adaptativas e estratégias que priorizaram a segurança de todos os envolvidos. As entregas foram realizadas com uma abordagem flexível, garantindo que os prazos fossem cumpridos e a qualidade dos serviços prestados não fosse comprometida.

O projeto Horta Comunitária é uma ferramenta potente de transformação social e ambiental. Mais do que uma simples horta, tornou-se um espaço de acolhimento, aprendizado e convivência, promovendo autonomia, saúde e sustentabilidade na comunidade. Os desdobramentos das ações mostram que o projeto tem potencial para crescer e se replicar, deixando um legado positivo para as próximas gerações.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

HORTA COMUNITÁRIA

O desenvolvimento do projeto Horta Comunitária trouxe lições valiosas para a equipe e os participantes. Entre as principais reflexões, destacamos:

- ▶ **Protagonismo comunitário é essencial:** o envolvimento da comunidade é fundamental para o sucesso e a continuidade das ações. Quando os moradores se apropriam do projeto, o impacto é mais significativo e duradouro.
- ▶ **Educação ambiental transforma:** a educação ambiental é uma ferramenta poderosa para mudar hábitos, reduzir o desperdício e criar uma cultura de sustentabilidade.
- ▶ **Pequenos gestos geram grandes impactos:** a criação da horta, embora pareça uma ação simples, demonstrou ser capaz de transformar vidas e fortalecer vínculos sociais, mostrando que a transformação começa com pequenas iniciativas locais.
- ▶ **Desafios fazem parte do processo:** enfrentar desafios é inevitável em projetos sociais, mas eles podem ser superados com resiliência, diálogo e colaboração. Cada obstáculo vencido se transforma em aprendizado e fortalecimento para a equipe e a comunidade.



OUTROS MATERIAIS



Breve documentário sobre o projeto Horta Comunitária

ARQUIVO DE VÍDEO





para perpetuar ciclos de exclusão, deixando as comunidades sem representantes preparados para articular mudanças estruturais.

O programa Jovem Cidadão propõe uma resposta direta e transformadora a esse cenário, selecionando e capacitando vinte jovens de 15 a 21 anos do Conjunto de Favelas da Maré. O programa oferece um ciclo formativo baseado em três pilares principais:

- ▶ **Educação Sociopolítica:** por meio de aulas e oficinas, o programa aborda temas como direitos humanos, funcionamento das instituições democráticas, cidadania ativa e combate às desigualdades sociais. Utiliza uma metodologia participativa, incluindo estudos de caso e análise de políticas públicas aplicadas à realidade local.
- ▶ **Desenvolvimento de Lideranças:** dinâmicas em grupo, mentorias e encontros com líderes comunitários, ativistas e profissionais de referência ajudam os jovens a desenvolverem habilidades como comunicação, liderança e organização política. O objetivo é formar jovens capazes de articular demandas e mobilizar suas comunidades.
- ▶ **Participação Prática:** os participantes realizam projetos de intervenção comunitária. Essa etapa conecta o aprendizado teórico à prática, fortalecendo o vínculo dos jovens com seus territórios.

Além disso, a iniciativa fortalece a democracia ao incentivar a participação da juventude em processos políticos e sociais, contribuindo para a criação de uma nova geração de lideranças capazes de enfrentar os desafios das periferias e lutar por mais equidade e justiça social.

O programa Jovem Cidadão é inspirado por programas e movimentos como: Seja Democracia, ProLider, RenovaBr, LabJuv, Curso de Políticas Públicas da

↳

ATIVIDADES

Casa Fluminense, Fórum das Juventudes do Rio de Janeiro, Parlamento Juvenil do Rio de Janeiro.

A metodologia do programa Jovem Cidadão é dividida em cinco etapas principais, que abrangem desde a seleção dos participantes até a avaliação dos resultados. Cada etapa foi pensada para garantir uma formação cidadã abrangente, com foco em educação sociopolítica, desenvolvimento de habilidades de liderança e aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Seleção e Mapeamento Inicial

- ▶ **Divulgação:** realizada por meio de redes sociais, escolas locais, ONGs e lideranças comunitárias no Conjunto de Favelas da Maré.
- ▶ **Processo Seletivo:** inscrição com envio de um formulário, seguido de entrevistas individuais para avaliar motivação, perfil de liderança e interesse em temas sociopolíticos.
- ▶ **Diagnóstico Inicial:** aplicação de um questionário para identificar o nível de conhecimento prévio sobre cidadania, direitos e deveres, e engajamento comunitário.

Ciclo Formativo (Educação Sociopolítica)

- ▶ **Temas Abordados:** Direitos e deveres do cidadão; Estrutura das instituições democráticas no Brasil; História e dinâmica das periferias e favelas no contexto sociopolítico; Desigualdades sociais e mecanismos de enfrentamento.
- ▶ **Metodologia:** aulas expositivas interativas com convidados especialistas; dinâmicas de grupo e debates simulando contextos reais de decisões políticas; análise de políticas públicas e casos práticos relacionados ao território da Maré.



ATIVIDADES

Desenvolvimento de Lideranças

- ▶ **Mentorias Personalizadas:** jovens recebem mentorias de líderes comunitários, ativistas e profissionais com experiência em políticas públicas e mobilização social.
- ▶ **Dinâmicas de Liderança:** trabalhos em grupo para desenvolver habilidades como comunicação, organização de eventos e resolução de conflitos.

Aplicação Prática: Projetos de Intervenção Comunitária

- ▶ **Criação de Projetos:** os jovens desenvolvem, em grupos, iniciativas voltadas para temas como educação, saúde, segurança pública ou meio ambiente.
- ▶ **Implementação Local:** as ações são realizadas nas comunidades da Maré, envolvendo outros moradores e parceiros locais.

Monitoramento e Avaliação

- ▶ Aplicação de questionários pré e pós-projeto para medir o progresso dos participantes.
- ▶ Relatórios de acompanhamento durante as formações e as intervenções práticas.
- ▶ Mensuração do alcance do projeto entre os jovens participantes e a comunidade em geral.
- ▶ Produção de relatórios finais e uma cartilha que sistematize a metodologia e os resultados para replicação em outros territórios.

Durante o LabMaré, o programa impactou diretamente cerca de trinta jovens, e indiretamente, aproximadamente trezentas pessoas. As atividades realizadas foram as seguintes:

- ▶ Visita guiada com os jovens participantes do projeto à Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, ao G20 Social e ao Centro Cultural Banco do Brasil.
- ▶ Realização de aulas e atividades com os jovens do programa.
- ▶ Construção e produção da cartilha *Política de Cria: É no Coletivo que se Faz a Diferença*.
- ▶ Lançamento da cartilha e participação do projeto na Feira de Direitos Humanos da Redes da Maré.
- ▶ Elaboração de diagnóstico sobre os alunos.
- ▶ Produção de material didático e relatórios de acompanhamento.
- ▶ Formação de uma rede de lideranças jovens no Conjunto de Favelas da Maré.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

O desenvolvimento do programa Jovem Cidadão foi marcado por uma rica combinação de desafios, aprendizados e conquistas que transformaram não apenas os jovens participantes, mas também a equipe envolvida. Desde sua concepção, o programa exigiu um planejamento cuidadoso, um entendimento profundo da realidade do Conjunto de Favelas da Maré e a criação de estratégias para engajar uma juventude frequentemente subestimada e desconectada dos espaços de decisão política.

A equipe enfrentou obstáculos significativos, como a dificuldade inicial de mobilizar os jovens em um contexto marcado pela desconfiança em relação a iniciativas externas e pela sobrecarga de responsabilidades que muitos assumem desde cedo, como trabalho e estudo. Além disso, a logística de organizar encontros seguros e acessíveis foi um ponto de constante atenção.

Outro desafio foi adaptar os conteúdos dos ciclos formativos para torná-los mais dinâmicos e alinhados à linguagem e aos interesses dos jovens. Equilibrar temas complexos, como cidadania, direitos humanos e estrutura democrática, com metodologias participativas que mantivessem o engajamento foi uma tarefa desafiadora, mas essencial para o sucesso da iniciativa.

Apesar dos desafios, os resultados superaram as expectativas. Os jovens demonstraram um crescimento significativo em sua compreensão sobre cidadania e na capacidade de articular ideias e demandas de suas comunidades. A construção de um ambiente seguro, onde puderam expressar suas opiniões e compartilhar experiências, foi um marco importante. A formação de uma rede de lideranças jovens no território foi uma das maiores conquistas do projeto. Essa rede já começou a gerar impactos concretos, como a organização de propostas de políticas públicas locais. Além disso, a cartilha *Política de Cria: É no Coletivo que se Faz a Diferença*, desenvolvida durante o projeto, consolidou os aprendizados e se tornou um material de referência para futuras ações.

Os desdobramentos do programa são promissores. Muitos jovens participantes expressaram o desejo de continuar atuando como líderes em suas comunidades, dando continuidade às ações iniciadas no projeto. Alguns passaram a participar de fóruns locais e outros espaços de tomada de decisão, ampliando a representatividade da juventude da Maré.

Além disso, a experiência gerou aprendizados valiosos para a equipe, que planeja expandir o projeto para alcançar mais jovens e outras favelas do Rio de Janeiro. O impacto indireto, estimado em trezentas pessoas, é uma prova de que investir na juventude é um caminho transformador para toda a comunidade.

O programa Jovem Cidadão mostrou que, mesmo diante de adversidades, é possível transformar desafios em oportunidades. O engajamento e a transformação dos jovens participantes reforçam a importância de iniciativas que apostam no potencial da juventude como agente de mudança. A experiência também deixa claro que investir na formação cidadã é fundamental para construir territórios mais justos, democráticos e resilientes.





ressignificar vivências, conectando os participantes a histórias que dialogam com suas próprias realidades e perspectivas de vida.

A proposta do projeto é promover rodas de leituras com distribuições de livros na Biblioteca Municipal Jorge Amado, localizada na Maré, utilizando obras que dialoguem com a realidade local e promovam identificação, como literatura afro-brasileira e de autores periféricos. O objetivo é garantir o acesso à leitura literária a estudantes da EJA da Maré, proporcionando promoção da saúde mental, autoconhecimento, lazer e senso crítico por meio de práticas de leitura.

Algumas referências:

- Antonio Candido. "O direito à literatura". In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.
- Michèle Petit. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

↳

ATIVIDADES

São oferecidas oficinas semanais de leitura compartilhada, roda de conversa sobre a leitura e alguma atividade relacionada a ela (como produção textual, debates temáticos ou performances artísticas). Cada encontro tem duração de 1h30. Há distribuição de um kit#leitura (livro, caderno, lápis, caneta, borracha, apontador, marcador de texto, copo sustentável, imã e ecobag) e um lanche nutritivo em cada encontro (priorizando alimentos frescos e adequados às necessidades do grupo). Os encontros ocorrem na Biblioteca Municipal Jorge Amado, localizada na Maré, no Rio de Janeiro. As atividades são conduzidas pelos membros do projeto, mediadores que também são moradores da comunidade, promovendo maior conexão com os participantes.

A metodologia do projeto parte da escolha cuidadosa de textos que dialoguem com a realidade e as vivências do público-alvo, promovendo identificação

e reflexão. Para isso, priorizamos obras de autores afro-brasileiros e periféricos, como *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo. A escolha dessa obra está alinhada ao conceito de Escrivivência, cunhado por Evaristo, que propõe a escrita como um ato de narrar experiências vividas e compartilhadas, principalmente em contextos marcados por desigualdades sociais e raciais. Esse conceito guia a seleção de textos que trazem elementos de pertencimento, resistência e ancestralidade, fundamentais para o público da EJA.

Os encontros iniciam com um momento de acolhimento, em que oferecemos um lanche nutritivo para criar um ambiente receptivo e afetivo. Em seguida, os participantes são convidados a formar uma roda, um espaço simbólico de igualdade e troca. A leitura é conduzida de forma orgânica: quem se sentir à vontade pode ler trechos do texto em voz alta, sem obrigação. Essa prática reforça a autonomia dos leitores e a construção coletiva da experiência.

Após a leitura, abre-se espaço para uma roda de conversa, em que os participantes compartilham impressões, memórias ou reflexões suscitadas pelo texto. Nesse momento, os mediadores iniciam uma conversa com o grupo para facilitar o diálogo e ampliar as conexões entre os textos e as impressões de leitura dos participantes, que muitas vezes trazem suas próprias experiências de vida. Essa abordagem fortalece o papel da literatura como ferramenta de autoconhecimento, pertencimento e transformação social.

↳

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Inicialmente, planejamos desenvolver o projeto dentro de uma unidade escolar com os alunos da EJA daquela instituição. Contudo, devido à falta de disponibilidade de tempo tanto da escola quanto da nossa equipe, foi necessário mudar a estratégia e realizar as atividades na Biblioteca Municipal Jorge Amado, localizada na Maré. Essa mudança demandou um ajuste significativo na dinâmica de divulgação. Decidimos, então, visitar as escolas

da região para apresentar o projeto diretamente aos estudantes e convidá-los a participar. Essa abordagem personalizada mostrou-se essencial para o engajamento, com muitos relatos apontando que esse contato inicial foi o principal fator motivador para a adesão ao projeto.

Outro desafio enfrentado foi compreender e desempenhar nosso papel como mediadores de leitura. Identificamos que alguns temas, como gênero, raça e religião, poderiam ser delicados para o grupo, dada a diversidade de experiências e perspectivas dos participantes. Por isso, desenvolvemos uma abordagem cuidadosa, priorizando o respeito e a abertura ao diálogo, sem imposições.

Entre as principais conquistas, destacamos a construção de um espaço acolhedor e significativo para os participantes, que relataram não apenas um maior interesse pela leitura, mas também a percepção de mudanças positivas em sua autoestima e senso de pertencimento. Além disso, o projeto abriu possibilidades de novas parcerias e inspirou desdobramentos, como a ideia de levar essas rodas de leitura para outros espaços da Maré.

Por fim, nossa experiência reafirmou a relevância de iniciativas que aliam literatura a engajamento comunitário, sobretudo em territórios de vulnerabilidade social. Cada encontro consolidou nossa crença na potência da leitura como ferramenta de transformação pessoal e coletiva.







ATIVIDADES

Foram feitas reuniões semanais para discutir onde e como se desenvolveriam as oficinas, entre a equipe e com voluntários e parceiros. Marcamos as oficinas e desenvolvemos pedagogicamente cada uma delas, com o objetivo de que fossem de fácil entendimento e divertidas para as mulheres. Ministramos quatro oficinas – uma sobre a diferença entre resíduos e a conscientização ambiental; outras duas em que as mulheres aprendem na prática como usar os resíduos para transformar em artesanato, com uma professora de artesanato da própria Maré; e uma última oficina sobre empreendedorismo e venda de produtos.

REFLEXÕES
SOBRE A
EXPERIÊNCIA

Entre os desafios, destacamos alguns problemas em relação ao local das oficinas, bem como o de buscar por uma artesã da Maré que trabalhasse com reciclagem. A busca pelos resíduos também foi desafiadora.

Entre as conquistas, destacamos os voluntários – inclusive um fotógrafo –, que gostaram do projeto e ajudaram nas redes sociais.

Nas oficinas, tivemos trocas de conhecimento entre as mulheres, além de rodas de conversas sobre o conhecimento ancestral delas. Colhemos dados sobre as alunas e entendemos mais sobre suas vivências.



OUTROS MATERIAIS



Vídeo do projeto

ARQUIVO EM VÍDEO
Cartilha do projeto
Recriando Maré

CARTILHA EM PDF




tabus e estigmas em torno da menstruação perpetuam preconceitos e desinformação, afetando a autoestima e a confiança de quem menstrua.

Do ponto de vista ambiental, o uso predominante de absorventes descartáveis agrava o problema da geração de resíduos sólidos, especialmente em áreas com infraestrutura de saneamento inadequada. Esses produtos descartáveis, frequentemente descartados de forma incorreta, podem levar centenas de anos para se decompor, contribuindo para a poluição ambiental e intensificando os desafios ecológicos locais.

Nesse cenário, torna-se urgente a necessidade de iniciativas que promovam educação menstrual, sustentabilidade e saúde pública, oferecendo alternativas acessíveis e ecológicas, como os absorventes de pano reutilizáveis. Essas alternativas não apenas reduzem o impacto ambiental, mas também representam uma forma de empoderamento e cuidado para pessoas com útero, garantindo que possam viver seus ciclos menstruais com dignidade e sem limitações impostas pela desigualdade de acesso ou desinformação.

Entre as propostas deste projeto, estão:

- ▶ Fornecer absorventes de pano reutilizáveis e coletores para estudantes, visando reduzir o uso de produtos descartáveis e minimizar o lixo gerado na escola e na comunidade.
- ▶ Propor oficinas de confecção de absorventes de pano e rodas de conversa sobre educação menstrual, saúde reprodutiva e higiene íntima, com enfoque na quebra de tabus e estigmas relacionados à menstruação, e propondo atividades recreativas e lúdicas.

- ▶ Elaborar, distribuir e divulgar cartilha com informações sobre o tema, elaborada por educadora menstrual com o intuito de informar sobre o tema.
- ▶ Criar espaços de diálogo e apoio para que as estudantes possam compartilhar experiências e dúvidas relacionadas à menstruação, fortalecendo sua autoestima e confiança.

Algumas referências:

- Saberes e cuidados maternos ancestrais
- Projeto Princesas Menstruantes (<https://www.princesasmenstruantes.com>).
- Morena Cardoso. *A menina que virou lua*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- Esta frase de Audre Lorde: “Cuidar de mim mesma não é autoindulgência, é uma autopreservação e isso é um ato de guerra política.”

↳

ATIVIDADES

Durante o projeto, pessoas com útero de diversas idades foram contempladas por ações formativas, oficinas, e distribuição de kits para o cuidado menstrual.

Os kits incluíram espelho de bolso para estimular o cuidado com o corpo e a observação, absorventes e coletores menstruais e cartilha produzida pelo projeto.

A cartilha *Educa Menstru Ação* foi feita com o apoio de Juliana Leite, mentora do LabMaré, diagramação de Beatriz Galdino, e textos escritos por Edneide da Silva Pereira.

As oficinas foram realizadas com diferentes metodologias, adequadas ao grupo presente em cada encontro. Foram estabelecidas parcerias com os projetos “Nenhum a menos”, “Maternidade Favelada”, com a Escola Estadual Bahia e a Biblioteca Jorge Amado, no Centro Integrado de Educação Pública Darcy Ribeiro.

**Desafios enfrentados**

O desenvolvimento do projeto trouxe à tona a importância da coletividade, mas também revelou a dificuldade de manter uma equipe coesa ao longo das ações. À medida que colaboradoras foram se afastando, ficou evidente como o trabalho exigia esforço coletivo e múltiplos braços para dar conta das demandas. Outro grande obstáculo foi a falta de informação sobre o corpo, os tabus culturais e ideologias enraizadas, que dificultaram o diálogo inicial com quem participou. Esses desafios, no entanto, reforçaram a necessidade de abordar temas como corpo, cuidado e educação menstrual e reprodutiva de forma aberta e inclusiva, buscando desconstruir narrativas impostas que limitam a autonomia de quem menstrua.

Resultados observados

Por meio das rodas de conversa e atividades práticas, constatamos que:

- ▶ 95% das participantes nunca tinham ouvido falar de educação menstrual.
- ▶ 83% desconheciam informações básicas sobre o funcionamento do próprio corpo.
- ▶ 87% não sabiam da importância de exames ginecológicos regulares.

Todas as participantes manifestaram interesse em aprender mais sobre métodos contraceptivos e o uso da pílula do dia seguinte.

Esses dados foram mapeados a partir da atividade da caixa de perguntas, em que as participantes elaboravam anonimamente suas dúvidas. Esses percentuais demonstram a importância da abordagem desses temas na vida das/os

adolescentes e de uma metodologia que implique ouvir atentamente mulheres, meninas e pessoas com útero. Essa escuta mostrou-se uma ferramenta valiosa para compreender as reais necessidades e interesses desse público. Após as rodas de conversas, as questões trazidas foram sistematizadas em temas e foram abordadas outras dimensões importantes da educação sexual. Ao final das atividades, as participantes foram convidadas a refletirem sobre o que acham importante e o que aprenderam na atividade, e a partilhar suas reflexões em um mural de avaliações.

Conquistas e Desdobramentos

Ao final das ações, todas as participantes expressaram o desejo de que atividades como as que foram propostas pelo projeto se tornassem frequentes na escola. Esse feedback positivo confirmou a relevância e o impacto do projeto na promoção de direitos reprodutivos, sexuais e da autonomia corporal.

Além disso, o projeto gerou um espaço seguro para diálogos que enfrentam o machismo estrutural, permitindo às participantes questionar e reconstruir narrativas históricas de opressão. O fortalecimento coletivo observado durante as rodas de conversa reafirmou a importância de continuar promovendo essas iniciativas como um ato de resistência e transformação social.

Aprendizados para o futuro

A experiência mostrou que a educação menstrual e reprodutiva é uma ferramenta essencial para combater desigualdades, estigmas e desinformação. O uso de metodologias participativas e acolhedoras, como as rodas de conversa, fortalece vínculos e estimula a autonomia das participantes.

Apesar dos desafios enfrentados, acreditamos que nossas ações são essenciais para construir um futuro

em que corpos marginalizados possam exercer plenamente seus direitos. O projeto serviu como um catalisador para que temas como menstruação, cuidado e saúde reprodutiva sejam incorporados de forma permanente no ambiente escolar e nas comunidades.

OUTROS MATERIAIS



Cartilha “Educação Menstrual”,
do projeto Se Liga no Ciclo

[CARTILHA EM PDF](#)





COMEÇO, MEIO, COMEÇO

Sobre mobilização
no Complexo
de Favelas da Maré

HENRIQUE SILVA

As experiências de moradores de favelas são frequentemente associadas a processos de luta e mobilização comunitária. Isso ocorre porque a vida de quem reside em espaços favelados carrega, quase sempre, um histórico marcado pela ausência de direitos. Esses processos de mobilização estão intrinsecamente ligados às transformações urbanas dessas comunidades e à organização de grupos identitários que buscam garantir direitos essenciais, como moradia, educação, saúde e segurança. Ainda que a vida na favela esteja conectada à efetivação de direitos, isso não significa que a mobilização ocorra apenas na ausência de um direito. O “fazer” dos moradores pode estar ligado a rituais de sociabilidade criados dentro desse contexto, a partir da diversidade de pessoas que vivem em territórios como o Conjunto de Favelas da Maré.

Para começar, gostaria de me apresentar: meu nome é Henrique Silva, sou morador do Conjunto de Favelas da Maré, criado na Favela Nova Holanda. Hoje, faço parte do quadro de tecedores da Redes da Maré, integrando vários projetos da organização nos últimos dezesseis anos, sempre atuando no campo da mobilização e no contato direto com os moradores. Quando fui

convidado pela equipe do projeto LabMaré para escrever este texto, a proposta foi compartilhar experiências de mobilização. Um dos projetos dos quais faço parte é a Casa de Histórias e Memórias da Maré, da Redes da Maré, e estou nesse lugar porque, nos últimos anos, venho trabalhando na construção de um acervo sobre a memória do Conjunto de Favelas da Maré.

Minha trajetória se assemelha à de muitos amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos que poderão se identificar com esta narrativa. Comecei a realizar minhas primeiras atividades em coletivo dentro da igreja, participando do ministério de música, o que me aproximou mais de ações coletivas. Eu tinha apenas 14 anos na época. A partir da música, comecei a explorar outros espaços dentro do Conjunto de Favelas da Maré, graças à relação com a igreja. Passei a frequentar praças, campos abertos, casas e outros ambientes que me permitiram conhecer melhor o território e ampliar minha rede pessoal. Ao iniciar o trabalho de pesquisa para a construção do acervo que mencionei acima, uma das descobertas foi que o grupo jovem da igreja católica da Nova Holanda foi parte considerável da Chapa Rosa, a chapa que venceu a eleição para a Associação de Moradores da Nova Holanda em 1984.

Voltando à música, foi a forma que encontrei para socializar na Maré, e, por meio dela, comecei a dar os primeiros passos na mobilização comunitária, agora não só na igreja, mas em outros coletivos de música e cultura dentro do território. Não apenas no sentido da luta por direitos, mas na contemplação das relações sociais por meio da cultura. Era um prazer realizar eventos musicais na Maré, independentemente do estilo musical.

Assim como o grupo jovem da igreja, descobri que a música na história da favela fez parte

de processos de espaços comunitários e de mobilização. Por exemplo, o bloco de carnaval Mataram Meu Gato também fez parte da Chapa Rosa na eleição da Nova Holanda. O bloco desempenhou um papel essencial na construção de uma identidade local para moradores que haviam sido removidos de diversas favelas da Zona Sul e Centro do Rio, como Praia do Pinto, Macedo Sobrinho, Favela do Esqueleto, Rocinha, entre outras, durante o governo Carlos Lacerda, nos anos 1960. Esses primeiros moradores encontraram na música uma forma de união e acolhimento.

Outro exemplo fundamental de mobilização na Maré foi o Grupo de Mulheres da Nova Holanda, que, nos anos 1970, liderou movimentos em prol de direitos básicos como água, luz e creche para as crianças. Ao pesquisar sobre o grupo de mulheres da mobilização, descobri, por exemplo, o nome de uma das lideranças desse grupo, Maria Amélia Castro e Silva Belford, reconhecida por sua liderança no movimento de mulheres de favelas e que foi a principal referência do Grupo de Mulheres da Nova Holanda. Atualmente, faço parte da equipe de memória da Redes da Maré com o filho de Maria Amélia, Marcelo Belford, que foi diretor do Colégio Estadual João Borges de Moraes, espaço que acolheu o projeto do LabMaré durante o ano de 2024.

Também durante a pesquisa, descobri a existência de um posto odontológico na Favela Nova Holanda, localizado na esquina da rua Jorge Luís (antiga rua E) com a rua Sargento Silva Nunes. O postinho (como era chamado) foi inaugurado após a morte de Maria Amélia e levou seu nome em homenagem a essa liderança. Perguntei à minha mãe, durante a pesquisa, se ela conhecia o posto ou quem era Maria Amélia. Ela respondeu: “Sim, você foi atendido

nesse posto quando era criança.” Ela disse que não conheceu Maria Amélia, mas que sua história era contada pelos funcionários do posto. Assim como o grupo jovem da igreja católica e o bloco carnavalesco Mataram Meu Gato, o Grupo de Mulheres também fez parte da Chapa Rosa, a chapa vencedora da eleição de 1984.



ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA NOVA HOLANDA

O chão era de barro. Lembro das obras. Sempre que converso com meu amigo de infância, lembramos da quantidade de terra, areia e outros materiais que ficavam pelas ruas das favelas da Maré por causa das obras de urbanização nessas favelas na passagem dos anos 1980 para os anos 1990. Meu amigo era da rua Jorge Luiz, a mesma rua do posto odontológico Maria Amélia. Como mencionado

Inauguração do posto odontológico Maria Amélia Castro e Silva Belford.
Foto: Anthony Leeds.

144

anteriormente, a junção de três diferentes grupos foi a base da Chapa Rosa, que fez a gestão da Associação de Moradores da Nova Holanda. Quando pesquisei sobre o movimento comunitário dos anos 1980, vi que a efervescência desse movimento a partir das associações de moradores de favelas foi muito importante.

Uma das descobertas foi uma promessa feita em 1979, no lançamento do Projeto Rio pelo Ministério do Interior: foram prometidas a construção de um conjunto de casas e a realização de obras de urbanização e infraestrutura de água e esgoto nas seis favelas que já existiam na Maré – Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Parque União, Rubens Vaz e Nova Holanda. Porém, após a entrega dos primeiros conjuntos, as obras foram paralisadas. Além disso, o governo lançou uma revista na época afirmando que as obras haviam sido concluídas. Diante disso, as associações de moradores das favelas da Maré, lideradas pela Associação da Nova Holanda, realizaram uma grande mobilização, coletando 11 mil assinaturas e montando um dossiê com fotos e dados sobre as obras para entregar à Caixa Econômica. Após esse momento, foi possível liberar a verba para a continuidade das obras. Eu e meu amigo, depois das obras, já não tínhamos a areia e a terra para brincar, mas hoje entendo o que aconteceu e que fez parte dessa mobilização da comunidade.



A REDES DA MARÉ

Em tempos de pandemia, uma das perguntas que frequentemente me faziam, quando pessoas de fora da favela sabiam que eu era da Maré, era como o território da Maré conseguiu mobilizar tantos grupos, instituições públicas e moradores para realizar a campanha de vacinação contra a Covid-19. Foram 36 mil pessoas vacinadas em quatro dias no Conjunto de Favelas da Maré. Sempre fiz questão de destacar a trajetória de mobilização dos moradores da Maré ao longo de anos, são décadas de produção de conhecimento local. Ter uma população consciente de seus direitos é importante para a continuidade das lutas. A Redes da Maré, e as organizações coletivas e pessoas que fazem parte do LabMaré são a continuidade dessas ações de mobilização dos moradores, das associações de moradores e de outras lideranças do território.

Chão de barro da
rua principal da
Nova Holanda.
Foto: Anthony Leeds.

146

Uma das ações das quais participei recentemente foi a escrita de uma série de matérias para o *Jornal Maré de Notícias*, intitulada “Maré: 30 Anos de Bairro”, para contar algumas dessas histórias de processos de mobilização, abordando temas importantes como saúde, educação, cultura, território, raça, gênero, entre outros. Para dar um exemplo da importância dessas memórias e do legado para o presente, foi enquanto pesquisava para escrever o artigo para o *Jornal Maré de Notícias* sobre questões de gênero no território que encontrei material sobre os shows “Noite das Estrelas”, que aconteciam nas ruas da Nova Holanda nos anos 1980 e 1990. Durante a pesquisa, não foram encontrados registros em revistas, jornais ou artigos sobre os shows. Porém, nos últimos anos, uma pesquisa realizada pelo Coletivo Entidade Maré resgatou essas histórias por meio da oralidade, realizando entrevistas e se aproximando das pessoas que fizeram parte dos shows da “Noite das Estrelas”, recriando esse espetáculo, trazendo para o presente e lançando luz sobre essas histórias que fizeram parte da minha infância na favela Nova Holanda e da história de muitas outras pessoas no território.

QUAL É O LEGADO DAS MOBILIZAÇÕES POR DIREITOS DOS MORADORES DE FAVELAS?

O passado é um lugar que reside nas experiências. Busca-se uma resposta no passado para refletir sobre os processos de mobilização no presente e no futuro. A preservação da memória dessas lutas é um dos meios para sustentar o legado de conquistas daqueles que vieram antes. A resposta para mobilizar um grupo de pessoas hoje não está necessariamente no passado, mas o passado é fundamental para fortalecer a mobilização no presente, ao trazer elementos ancestrais, individuais e

coletivos, que perderam força e prioridade no contexto atual. Mais do que copiar o que foi feito antes, o importante é buscar a participação a partir de uma visão de mundo na qual essas experiências dos moradores estejam inseridas. Ou seja, é preciso trazer à tona as experiências diversas dos moradores para construir e dar continuidade aos processos de luta.

Se, no passado, a visão política e social estava focada no acesso da camada mais pobre da sociedade e da classe trabalhadora à luta por direitos, hoje essa mesma camada tende a se espalhar em uma vida mais fragmentada e com desafios distintos. Portanto, entender o legado dessas lutas envolve reconhecer sua importância e adaptá-lo às realidades contemporâneas, sem perder de vista os valores históricos que sustentaram essas mobilizações. Como diz Nego Bispo: “Nós somos o começo, o meio e o começo.”

147

SOBRE A REDES DA MARÉ

A **Redes da Maré** é uma organização da sociedade civil, que tem sua origem vinculada às lutas comunitárias empreendidas na Maré a partir dos anos 1980. Atua no conjunto das quinze favelas da Maré, no Rio de Janeiro, onde vivem 140 mil pessoas. Sua missão é contribuir no processo de efetivação de direitos fundamentais na região, como o acesso à água, ao saneamento básico, à educação, à saúde, à segurança pública, à arte, entre outros.

A instituição tem como pressuposto atuar a partir de uma abordagem territorial, com perspectiva estruturante, tendo como base cinco eixos de trabalho, quais sejam: (i) Direito à Educação, (ii) Direito à Arte, Cultura, Memórias e Identidades, (iii) Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, (iv) Direitos Urbanos e Socioambientais e (v) Direito à Saúde. Cada área atua numa perspectiva metodológica que considera a produção de conhecimento, a mobilização e articulação comunitária, a construção de programas, projetos e ações e a incidência nas políticas e serviços públicos.

@redesdamare
redesdamare.org.br

SOBRE A SILO – ARTE E LATITUDE RURAL

Silo – Arte e Latitude Rural é uma organização da sociedade civil fundada em 2017, conduzida por uma equipe de mulheres, engajadas em promover o diálogo entre o campo e a cidade, por meio da arte, ciência e tecnologia. A Silo existe para estimular o desenvolvimento sociocultural no campo, por meio de uma linha de programas desenvolvidos com metodologias próprias, que visam o cruzamento entre saberes populares e científicos, e fomentar a autonomia e a cooperação nas zonas rurais e periferias urbanas.

A organização está situada em um território da Mata Atlântica, na Área de Proteção Ambiental da Serrinha do Alambari, localizada entre o Vale do Paraíba e a Serra da Mantiqueira, onde se unem as fronteiras dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A partir de diferentes programas e ações, a Silo integra espaços urbanos, valorizando periferias e ambientes rurais com suas ricas experiências.

@silo.arte.e.latitude.rural
silo.org.br

CRÉDITO DAS IMAGENS

Afrofavela

Todas as fotografias do projeto foram feitas ao longo dos processos por diferentes participantes.

Atletas do Futuro

Todas as fotografias foram feitas por Waleska Saturnino.

Ballroom na Maré

Todas as fotografias foram feitas por Marlon Soares (@soaresmarlon). As fotos das oficinas nas escolas foram feitas pelas participantes do projeto.

Barbeiros: cortes de vida

As fotografias foram feitas por Amabilly Vitoria. Os frames do documentário foram retirados das imagens feitas por Pedro Henrique Diniz e Jônatas Moraes. A identidade visual do projeto foi feita por Robert Silva.

Conecta Jovem

Todas as fotos das aulas tiradas na escola foram feitas pelos participantes do projeto. As do lançamento da cartilha e da formatura foram realizadas pela Mallu Cortes.

Eco Gerações

As fotografias das oficinas nas escolas foram feitas por Ardo Fox e as do F20 por Cássia Moura.

Encontro das Artes

Todas as fotografias foram feitas por Odir Santos.

Horta Comunitária

As fotografias do projeto foram feitas ao longo dos processos por diferentes participantes.

Jovem Cidadão

Todas as fotografias foram feitas por Mallu Cortes.

Leituras na Favela

As fotografias foram feitas por Patrícia Dias Belaeestilosa e RAXYNNE.

Recriando Maré

As fotografias das oficinas na Casa das Mulheres da Maré foram feitas por Márcio Belão. As fotografias da oficina de biojoias com Valdirene Militão foram tiradas pelas participantes do projeto.

Se liga no Ciclo

Todas as fotografias foram feitas por Dayana Sabany.

CRÉDITOS DA EQUIPE

Coordenação Geral

Eliana Sousa Silva
Kelly Cristine Marques da Silva

Coordenação Executiva

Everton Pereira da Silva
João Sousa e Silva

Apoio Executivo

Alessandra Prado de Oliveira Silva

Coordenação Metodológica

Cinthia Mendonça

Mentores

Brenda Vitória Pacífico Pinto
Carlos Marra
Juliana Leite
Marcos Silva de Melo
Affonso Dalua

Palestrantes

Augusto Melo Brandão
Eliana Sousa Silva
Gilberto Vieira
Juliana Leite da Silva
Kelly Cristine Marques da Silva
Marcelo Belfort
Nubia Erineuba Alves
Wallace Lino

Parcerias Locais

Colégio Estadual Professor
João Borges de Moraes

Produção editorial

Maria Carolina Fenati

Projeto Gráfico e Diagramação

Filipe Lampejo

Revisão

Andrea Stahel

Apoiador

Inter-American Foundation

Realização

Redes de Desenvolvimento da Maré

PROJETOS**AFROFAVELA****Proposto por**

Milu Almeida

Com a colaboração de

Carlos Alexandre

ATLETAS DO FUTURO**Proposto por**

Liviane Araújo

Com a colaboração de

Adrielly Santos

Antônia Zilma

Érika Oliveira

Fernanda Furtado

José Benevenuto

Rosemberg Neto

Waleska Oliveira

BALLROOM NA MARÉ**Proposto por**

Clarice Candace

Kill Bill

Lua Brainer

Com a colaboração de

Dan Nogueira

Mayra de Jesus Luiz

Rick Xavier

BARBEIROS: CORTES DE VIDA**Proposto por**

Matheus Euzebio

Com a colaboração de

João Reis

Pedro Diniz

Thais Santos

CONECTA JOVEM**Proposto por**

Daniel Wicke dos Santos Rosa

Com a colaboração de

Karla Duarte

Milena Martins

Wesley Nascimento

ECO GERAÇÕES**Proposto por**

Ana Karolina Vieira Mendes

Com a colaboração de

Amanda Baroni

Cássia Moura

Edith Medeiros Rodrigues

Vivian Paola Oliveira

ENCONTRO DAS ARTES**Proposto por**

Odir dos Santos

Com a colaboração de

Brenda dos Santos

Bruno Alvernaz

Bruno André

Douglas Oliveira

Girlene Santos

Kauan Fonseca

Palloma Alves

Rafael Marques Pires

Ronald Chagas

Vando Fernandes

HORTA COMUNITÁRIA**Proposto por**

Sebastião Antônio de Araújo

Com a colaboração de

Albano Silva do Nascimento

Alice Calixto dos Santos

Gleice G. Cardoso

Natália Amancio Viegas

JOVEM CIDADÃO**Proposto por**

Luiz Menezes

Com a colaboração de

Kayque Magalhães

Lucas Gregório

LEITURAS NA FAVELA**Proposto por**

Anderson Oli

Camila Mendes

Com a colaboração de

Ingra Tainá

Marianna Menegaci

RECRIANDO MARÉ**Proposto por**

Andreza Alves de Santana

Com a colaboração de

Livia Dias Mesquita

Nicole Calheiros do Nascimento

Sibele Dias Mesquita

Tiago Carlos do Nascimento

SE LIGA NO CICLO**Proposto por**

Edneide da Silva Pereira

Com a colaboração de

Bárbara de Paula Rodrigues da Silva

Beatriz Galdino

Dayana Gomes Sabani

Diana de Souza Beserra

Fernanda Vieira

Nabila L. Santana

Nayeni Regina dos Santos

Simone Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LabMaré : laboratório de experimentação e inovação
em práticas comunitárias / Eliana Sousa e Silva
Silva...[et al.] ; organização Redes da Maré. --
Rio de Janeiro : Redes da Maré, 2025.

Outros autores: Cinthia Mendonça, Henrique Gomes,
João Sousa e Silva.

ISBN 978-85-61382-21-6

1. Ciências sociais 2. Comunidade - Aspectos
sociais 3. Inovação 4. Justiça social I. Silva,
Eliana Sousa e. II. Mendonça, Cinthia. III. Gomes,
Henrique. IV. Silva, João Sousa e. V. Redes da Maré.

25-259303

CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Com uma tiragem de 500 unidades,
este livro foi impresso em offset pela gráfica Formato, Belo Horizonte,
em papel Apergaminhado 90g/m², em março de 2025.

As famílias tipográficas utilizadas foram a
Helvetica Neue (Linotype) e Simplon Mono (Emmanuel Rey).

